

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 2

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-280-7

DOI 10.22533/at.ed.807192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos cursos de formação preocupados com as conexões discursivas entre as ciências da linguagem, estudar a língua em uso significa compreender como o discurso é construído, sem a omissão investigativa das contextualizações da linguagem. Os cursos de formação simbolizam autênticos espaços de produção do conhecimento, além de problematizar as questões que necessitam ser refletidas e analisadas nas ações dos sujeitos.

Os sujeitos trazem como experiências as inúmeras e múltiplas vivências que são confrontadas nos espaços formais de ensino. Discutir sobre os processos de ensino significa considerar que há também a produção de saberes nos contextos não formais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, a presente Coleção traz trinta reflexões e inúmeros autores que aceitaram o desafio de promover um diálogo com os contextos e as propostas de ensino, sobretudo na formação, alfabetização e letramento dos sujeitos, interlocutores desta coletânea. O que a torna necessária são as diferentes concepções e perspectivas nos quais os conhecimentos são apresentados.

No primeiro capítulo, as autoras discutem os contos de fada a partir do gênero propaganda, em que o estudo tem como metodologia de pesquisa a análise bibliográfica pertinente à problematização. No segundo capítulo, as autoras analisam o curta ficcional *Sombras do Tempo*, de Edson Ferreira, 2012, sob a perspectiva foucaultiana, aproximando os debates sobre raça e cinema no Brasil. No terceiro capítulo, o autor dedica-se em dois propósitos: identificar e analisar o diálogo entre a linguagem fílmica discutida no corpo do texto.

O autor do quarto capítulo traz à discussão a necessidade do planejamento escolar no contexto da dimensão teórico-pedagógica como prática necessária, além disso, discute e apresenta, sucintamente, as diferenças entre *planejamento* e *plano de aula*. No quinto capítulo, os autores apresentam as questões estéticas e visuais dos grafitos de banheiros como realização verbo-visual que apontam os discursos universitários. No sexto capítulo, o autor trata dos diálogos intertextuais entre Babadook e o Movimento Cinematográfico Expressionista Alemão.

No sétimo capítulo, a autora discute sobre as temáticas *formação* e *evasão* de alunos do Curso Técnico de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. No oitavo capítulo, os autores discutem e analisam, a partir de estudos culturais, as visualidades produzidas e amparadas na investigação comparada e híbrida. No nono capítulo, o autor discute os processos discursivos que ligam o sujeito na discussão conceitual entre a materialidade do sujeito, a sociedade e o consumo.

O autor do décimo capítulo reflete os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, a partir da realização de uma oficina de iluminação cênica. No décimo primeiro capítulo, os autores fazem um recorte de um estudo mais amplo realizado em determinada disciplina de formação.

No décimo segundo capítulo são analisadas e identificadas a aplicabilidade de instrumentos capazes de ampliar o vocabulário nos diversos contextos de produção.

No décimo terceiro capítulo, as autoras tomam o Italiano como herança linguística a partir da proposição de material didático. No décimo quarto capítulo, a autora aproxima o viés teórico da prática tendo como análise alguns escritos de Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini. No décimo quinto capítulo, os autores refletem sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do Alzheimer, a partir de uma análise fílmica.

No décimo sexto capítulo, os autores apresentam uma reflexão sobre a produção do conhecimento nas artes híbridas focalizando os possíveis diálogos e convergências da linguagem cinematográfica em audiovisualidades contemporâneas. No décimo sétimo capítulo, os autores propõem, discutem e problematizam um método alternativo para o ensino de Física com alunos do ensino médio de escolas públicas. No décimo oitavo capítulo, o autor aprofunda-se, de forma bilíngue, nos termos médicos para compreender o significado de termo aplicado à interpretação e diálogo.

No décimo nono capítulo, a autora investiga a condução de um processo artístico para o deslocamento e o equilíbrio pelo desenvolvimento permanente. No vigésimo capítulo, frutíferas reflexões são apresentadas pelos autores sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, colocando em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica. No vigésimo primeiro capítulo, a autora provoca leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto da própria imaginação.

No vigésimo segundo capítulo, o autor realiza uma análise, apresentando a intratextualidade, além do diálogo do autor consigo mesmo. No vigésimo terceiro capítulo, a autora trata da potencialidade do silêncio presente na imagem, a partir do filme-carta *Letter to Jane: na investigation about a still*, de Jean-Luc Gofarf e Jean-Pierre Gorin, tecendo um breve panorama poético-conceitual do que pode ser imagético. No vigésimo quarto capítulo, as autoras trazem ao leitor os resultados da prática de dança, utilizando-se do método investigativo e de questionário estruturado, realizado entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018.

As autoras do vigésimo quinto capítulo destacam os sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. No vigésimo sexto capítulo, a autora analisa a Progressão Parcial à luz da Análise de Discurso Pechetiana. Já no vigésimo sétimo capítulo, a discussão de um projeto é apresentada pelas autoras como proposta reflexiva.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea. No vigésimo nono capítulo, a autora revela um percurso de uma pesquisa participante em arte. E, por fim, no trigésimo capítulo que fecha as reflexões desta Coleção, as autoras discutem acerca de uma ruptura com o discurso colonizador e seus mecanismos de pressão na América Latina.

Todos os autores dos trabalhos compilados neste segundo volume da coletânea em questão, desejam que os possíveis leitores e investigadores encontrem os questionamentos capazes de desenvolver as habilidades investigativas na produção do conhecimento em quaisquer que sejam as áreas do saber.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONTOS DE FADA EM PROPAGANDAS: APELO À EMOÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO FAIRY TALES IN ADVERTISEMENTS: APPEAL TO EMOTION AND GENDER ISSUES	
Fabiana Piccinin Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924041	
CAPÍTULO 2	16
CORPO NEGRO E PODER O CURTA SOMBRAS DO TEMPO NA PLATAFORMA AFROFLIX	
Lara Lima Satler Emilly César Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.8071924042	
CAPÍTULO 3	32
EL TOPO E O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO: DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DOIS FAROESTES LATINOS DOS ANOS 70	
Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8071924043	
CAPÍTULO 4	42
O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924044	
CAPÍTULO 5	52
FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO	
Ana Paula Aparecida Caixeta Luiz Carlos Pinheiro Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924045	
CAPÍTULO 6	64
HERANÇAS EXPRESSIONISTAS NO HORROR CONTEMPORÂNEO: AS ESTRATÉGIAS DIALÓGICAS DE <i>BABADOOK</i>	
Gabriel Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.8071924046	
CAPÍTULO 7	71
FORMAÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA - ETEASD NO MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO	
Denise Melo Darlene Lira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924047	
CAPÍTULO 8	74
AS <i>ARPILLERAS</i> E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS	
Jossier Sales Boleão Émile Cardoso Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8071924048	

CAPÍTULO 9	84
IMAGEM E CONSUMO: A TRANSFORMAÇÃO DO(NO) CORPO E A PROBLEMÁTICA DO REFERENTE	
Guilherme Carrozza	
DOI 10.22533/at.ed.8071924049	
CAPÍTULO 10	96
ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL	
Vanderlei Antonio Bachega Junior	
DOI 10.22533/at.ed.80719240410	
CAPÍTULO 11	103
INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA	
Adão Fernandes Lopes	
Denise Dias de Carvalho Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.80719240411	
CAPÍTULO 12	117
INSTRUMENTOS PARA A AMPLIAÇÃO E ADEQUAÇÃO VOCABULAR NO ÂMBITO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TEXTUAL ORAL E ESCRITA	
Fernanda Luzia de Almeida Miranda	
Tuise Brito Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.80719240412	
CAPÍTULO 13	128
ITALIANO COMO HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO	
Rosangela Maria Laurindo Fornasier	
Tatiana Iegoroff de Mattos	
Fernanda Landucci Ortale	
DOI 10.22533/at.ed.80719240413	
CAPÍTULO 14	140
LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI	
Ana Clara Vieira da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.80719240414	
CAPÍTULO 15	150
MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME <i>ELLA E JOHN</i>	
Bianca Cardoso Batista	
Vagner Bozzetto	
DOI 10.22533/at.ed.80719240415	
CAPÍTULO 16	164
LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CINEMA E NAS ARTES DO VÍDEO	
Cristiane Wosniak	
Rodrigo Oliva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240416	

CAPÍTULO 17	177
METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FÍSICA	
Shayenny Alves de Medeiros	
Maria Suenia Nunes de Moraes	
Kátia Cristina Barbosa da Silva	
Elivélton de Lima Alves	
Bismark Mota da Silva	
Brenda de Souza Silva	
José Walber Farias Gouveia	
Maria das Graças Araújo Barros	
Virgínia Micaela de Amorim Silva	
Rafaele Maciel da Silva	
Patricio José Felix da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240417	
CAPÍTULO 18	187
MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS	
Bruno Eric dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240418	
CAPÍTULO 19	200
O BALANÇAR DO MANTO	
Sofia Gentil Mussolin	
DOI 10.22533/at.ed.80719240419	
CAPÍTULO 20	212
O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS	
Lucas Martins Flores	
Alice Maria Martins Rebelo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240420	
CAPÍTULO 21	224
O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240421	
CAPÍTULO 22	229
O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL”	
Alexandre Silva Wolf	
DOI 10.22533/at.ed.80719240422	
CAPÍTULO 23	239
O SILÊNCIO DA IMAGEM: PERSPECTIVA MICROPOLÍTICA NO FILME-CARTA <i>LETTER TO JANE</i> (1972)	
Maruzia de Almeida Dultra	
DOI 10.22533/at.ed.80719240423	

CAPÍTULO 24	254
PRÁTICAS DE DANÇA NA MATURIDADE E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL: APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS	
Daniela Llopart Castro	
Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro	
Eleonora Campos da Motta Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240424	
CAPÍTULO 25	264
PRODUÇÃO DE SENTIDO EM O <i>CONTINENTE</i> : MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO	
Ana Cristina Agnoletto	
Márcia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.80719240425	
CAPÍTULO 26	279
PROGRESSÃO PARCIAL: MAIS UMA LEI QUE NÃO FUNCIONA	
Mônica Lopes Névoa Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.80719240426	
CAPÍTULO 27	285
PROJETO DE ESQUADRIAS DE PALETES PARA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL “CANTO DE CONEXÃO”	
Karina dos Santos Moura	
Renata Caetano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240427	
CAPÍTULO 28	291
REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A <i>BAILARINA</i>	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.80719240428	
CAPÍTULO 29	304
REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240429	
CAPÍTULO 30	317
SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRAFANDO CORPOS <i>TRANS</i> COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA	
Janayna Medeiros Pinto Santana	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240430	
SOBRE O ORGANIZADOR	329

INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA

Adão Fernandes Lopes

Docente da Educação Básica nas redes estadual e municipal de ensino, em Saúde - BA.

Denise Dias de Carvalho Sousa

Orientadora e docente no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e na Educação Básica, em Jacobina - BA.

RESUMO: Este artigo é um recorte da pesquisa *Dialogando com os camelôs no Beco do Paraguai, em Jacobina - Bahia: propaganda, inferências e construção de sentidos*, apresentado à disciplina Psicolinguística e o ensino de Língua Portuguesa, no curso de Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV – Jacobina - BA. O objetivo deste estudo foi perceber como os camelôs se comportavam diante das estratégias de leitura, especificamente, a inferência, mediante as propagandas por eles (não)elaboradas e analisar a construção de sentidos destinada a elas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pautada na perspectiva da Etnopesquisa. Utilizamos a entrevista semiestruturada, aplicação de questionário aberto, a observação participante e a gravação de áudio. A opção em trabalhar com a estratégia de leitura inferencial possibilitou materializar as

formas de propagandas dos camelôs, visto que estas são relevantes para a vida profissional. Trouxe como resultados a percepção de uma leitura analítica por parte dos camelôs, em que se percebe um distanciamento das abordagens meramente linguísticas para uma abordagem social, centrada nos pressupostos da Psicolinguística.

PALAVRAS-CHAVE: Camelôs. Construção de sentidos. Inferências.

ABSTRACT: This article is a cut of the research *Dialoging with the camelos in the Alley of Paraguay, in Jacobina - Bahia: propaganda, inferences and construction of senses*, presented to the discipline Psicolinguística and the teaching of Portuguese Language, in the course of Specialization in Teaching Methodology of Portuguese Language, at the State University of Bahia (UNEB), Campus IV - Jacobina - BA. The objective of this study was to understand how camelos behaved in the face of reading strategies, specifically, inference, by means of advertisements (not) elaborated and analyze the construction of meanings destined to them. It is a qualitative research, based on the perspective of Ethnopesquisa. We used the semi-structured interview, application of an open questionnaire, participant observation and audio recording. The option to work with the inferential reading strategy made it possible to

materialize the forms of advertising of the camelos, since these are relevant for the professional life. It brought as a result the perception of an analytical reading on the part of the camelos, in which one perceives a distancing from the purely linguistic approaches to a social approach, centered on the presuppositions of Psycholinguistics. **KEYWORDS:** Camelôs. Construction of senses. Inferences.

1 | O ITINERÁRIO DA PESQUISA E SUAS INTERSEÇÕES

Sabemos que, atualmente, a concepção de leitura, na maioria das escolas públicas do país e da Bahia, é a de que ela deva ser ensinada na escola, entretanto, mediante nossas experiências como educadores/as, observamos que a leitura não tem ocupado a sua real função, uma vez que os envolvidos neste processo não têm levado em conta aspectos cognitivos e nem sempre estabelecem vínculo entre texto, autor e leitor. Não atentam, também, para a leitura como compreensão, memória, inferência e pensamento, conforme propõem os estudos da Psicolinguística, sem falar no número grande de analfabetos funcionais, isto é, a incapacidade que uma pessoa demonstra ao não compreender textos simples. Tais pessoas, mesmo capacitadas a decodificar, minimamente, as letras, geralmente, frases, sentenças, textos curtos e números, não desenvolvem a habilidade de interpretação de textos e de efetivação das operações matemáticas, seja pelo reflexo do ambiente onde vivem, pela má (in) formação docente ou pela falta de incentivo e/ou ausência de perspectiva e objetivos bem definidos no momento de aplicar as estratégias de leituras.

Como sabemos, o fenômeno da globalização abriu as portas aos mercados por toda a parte, porém, o mesmo não ocorreu em relação a uma parcela considerável de pessoas, as quais não desfrutam dos bens e serviços os quais têm direito, uma vez que estas se encontram cada vez mais marginalizadas. Edson Gomes (2018), na música, intitulada *Camelô*, traz uma analogia às identidades silenciadas, propondo reflexões sobre a vida das pessoas, cujo foco concentra-se nas vozes marginalizadas, invisibilizadas ou silenciadas pelos processos de mobilidade histórico-geográfica e econômico-social, seja como consequência direta de tal processo, seja como resultado indireto das dinâmicas a ele relacionadas. Vejamos os versos desta canção:

Sou camelô, sou de mercado informal
Com minha guia sou, profissional
sou bom rapaz, só não tenho tradição
em contra partida sou, de boa família.
olha doutor, podemos rever a situação
pare a polícia, ela não é a solução, não.
não sou ninguém, nem tenho pra quem apelar
só tenho o meu bem que também não é ninguém
quando a polícia cai em cima de mim

até parece que sou fera
quando a polícia cai em cima de mim
até parece que sou fera
até parece, até parece...

Diante da letra panfletária do cantor baiano Edson Gomes, percebemos que o comércio popular costuma ser percebido de maneira negativa dentro do contexto urbano. Entretanto, nem sempre essa ótica se mostra como sendo verdadeira, visto que o comércio popular pode suprir lacunas existentes, seja em relação à gama diversificada de produtos a serem oferecidos, seja em razão da oferta de mercadorias ocorrerem a preços mais acessíveis a determinadas camadas da população.

Desconsiderar esses aspectos é olhar de maneira absoluta e estigmatizante para um comércio que, a despeito de qualquer crítica, vem se mantendo e atendendo à demanda da população, em especial, nas cidades cuja afluência de determinados produtos ainda se mostra ausente ou insuficiente para suprir as necessidades dos cidadãos. Duas vertentes nessa visão sobre a atividade de camelô devem ser salientadas, ao observar os papéis exercidos por esses sujeitos no desenvolvimento local. Uma vertente é a integração de um grupo de pessoas, muitas vezes constituído de excluídos ou marginalizados, aos processos econômicos.

Assim, a oportunidade de obter renda através da economia informal tem sido uma das únicas possibilidades a uma gama de indivíduos, a qual tem contribuído para o aumento nas condições de vida desta parcela da população. Uma outra vertente, mais vinculada à atuação deste grupo, é de inserir uma gama de produtos no mercado local. Produtos esses que, muitas vezes, não são ofertados no mercado formal local. Tendo em vista que a possibilidade de consumo de uma população é um dos fatores de manutenção deste grupo em uma localidade, exercer esse papel de oferta de produtos é algo importante.

Tudo indica que o termo camelô nasceu nas ruas da França, no século XII, segundo o etimologista Dionísio da Silva, da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar). Registrado pela primeira vez, no século XVII, o termo significa “vender quinquilharias ou proceder sem polidez”. Dois séculos depois, a palavra camelote foi usada com o sentido de “mercadoria grosseira, de acabamento insuficiente”. Da França, o vocábulo cruzou o oceano Atlântico e aportou no Brasil, no início do século XX, onde manteve o sentido depreciativo.

Mesmo sendo uma profissão vista por muitos, de forma marginalizada, é notório que os camelôs no dia a dia usam estratégias para facilitarem o entendimento e a leitura dos manuais que usam ou que precisam apresentar aos clientes, bem como entender sobre o funcionamento dos produtos, compras e vendas. Isto justifica o nosso interesse por esta temática, uma vez que os camelôs fazem a leitura, de forma descontraída, mas, ao mesmo tempo, dinâmica, atendendo aos seus objetivos imediatos. Em geral, mesmo tendo dificuldade no âmbito da leitura, pelas limitações

de contato com a escola, demonstram alfabetismo funcional, visto que dominam as atividades comerciais, as quais são de seus interesses.

Dessa forma, os *camelôs* possuem efetiva participação social na questão da leitura, seja com propagandas, seja com avisos, seja com textos injuntivos, percebemos que muito embora as pratiquem, mesmo não se dando conta dessa teoria, a leitura faz parte do seu cotidiano. Assim sendo, direcionamos o nosso olhar sobre estas práticas leitoras realizadas por eles no mercado informal, no centro da cidade de Jacobina - BA. Esta cidade está localizada na zona fisiográfica do norte baiano, na microrregião homogênea Piemonte da Chapada Diamantina (Circuito Chapada Norte), entre serras, desfiladeiros, e é caracterizado pela caatinga e vegetação típica da região.

Neste contexto, apoiamos-nos nos estudos da Psicolinguística e suas contribuições, tendo em vista se tratar de uma ciência interdisciplinar, a qual dialoga com o nosso objeto de pesquisa, pois o mercado informal e as propagandas encontradas nestes espaços envolvem diversas nuances, conhecimentos da realidade, múltiplos e possíveis sentidos e leituras, tendo muito a nos dizer e a ensinar acerca das propagandas e das práticas leitoras.

Portanto, o objetivo deste trabalho é apresentar como os camelôs se comportam diante das estratégias de leitura, especificamente, a inferência, mediante as propagandas (não)elaboradas por eles, analisando a construção de sentidos destinada a elas. Tomando a estratégia de leitura – inferência, como base, foi feita uma breve análise de como os camelôs realizam suas propagandas no comércio informal de Jacobina - BA e suas implicações no âmbito da leitura.

De acordo com Barbosa e Miotto (2007), o termo informal é utilizado para designar atividades econômicas que se caracterizam de forma geral por: unidades produtivas baseadas no descumprimento de normas e legislação concernentes a contratos, impostos, regulações e benefícios sociais; ocupações sem proteção social, garantias legais e estabilidade, sendo recorrente ainda o fato de serem atividades de baixa produtividade, sem estabilidade, baixos salários, quando não se realizam sem remuneração por ação de familiares e auto emprego.

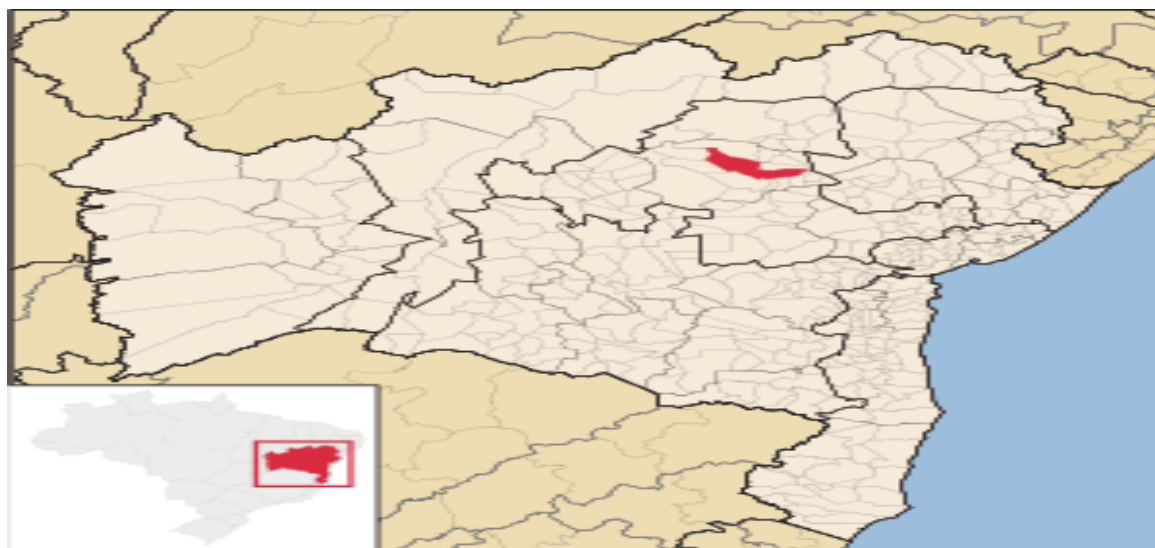


Figura 01 - Localização de Jacobina na Bahia.

Fonte: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacobina>. Acesso em: 10/03/2018.

Com base na investigação realizada no Beco do Paraguai, em Jacobina - BA, fizemos este recorte, dando ênfase à *propaganda*, diferentemente de *publicidade*. A saber, de acordo com Sandman (2007), as propagandas acontecem no comércio informal, sem regras fixas, sem pressupostos, sendo a todo momento reinventadas, acontecendo de diversas maneiras: seja com a venda de mercadorias fabricadas em “fundos de quintal” ou produzidas artesanalmente; mercadorias “refugadas” pela indústria ou através de mercadorias de contrabando. Neste tipo de “marketing”, a propaganda se dá de forma mais estreita, simples e direta, e permite o menor preço de venda do produto. Dessa forma, é legitimada pelas classes de menor renda, que conseguem ter poder de compra e passam a consumir mercadorias essenciais, as quais não teriam acesso no mercado formal.

Segundo Sandman (2007), no modo de compreender a questão, a propaganda faz uso das técnicas publicitárias com fins político-ideológicos (e vice-versa). Ela pode reforçar uma opinião/atitude ou solicitar uma tomada de posição, por vezes conflituosa. Por sua vez, a publicidade não visa causar nenhum tipo de conflito em seu público, mas apenas o faz acreditar que este mesmo público é autônomo em suas decisões.

Esse mercado informal se instala na região central da cidade de Jacobina, em meados da década de 1990, oferecendo produtos de valores mais acessíveis, fazendo uma analogia aos produtos vindos do Paraguai. Nesta época, ainda se misturavam os ambulantes e os camelôs, com a prerrogativa de que os últimos possuíam ponto fixo em várias calçadas da cidade. Em 1995 é que se instalam as primeiras bancas de produtos importados na região, de pessoas que procuravam ali uma nova perspectiva e planos de vida. Alguns dos camelôs que surgiram na mesma época eram provenientes de outras regiões do estado da Bahia, muitos trabalhavam como ambulantes e resolveram se instalar na cidade. Com essas primeiras manifestações é que algumas pessoas já residentes na cidade resolveram também se inserir neste

mercado, por conta do desemprego e de um número significativo de pessoas que buscavam melhores condições de vida.

2 | O PERCURSO TEÓRICO/METODOLÓGICO

Os estudos sobre leitura vêm sendo dominantes na Psicolinguística e abrangem, frequentemente, compreensão, processamento e estratégias de leitura (KLEIMAN, 2008). A concepção de leitura é a de processamento cognitivo (GOODMAN, 1991), constituindo-se em procedimentos de natureza ascendente e/ou descendente. O primeiro, caracteriza-se por movimentos das partes para o todo, cujo leitor privilegia a observação das marcas linguísticas do texto. A escolha do processamento e das estratégias pelo leitor está associada aos seus conhecimentos prévios, ao seu estilo cognitivo, ao seu objetivo e à natureza do texto (KATO, 1999).

Assim, o professor/pesquisador é peça-chave para estimular no aprendiz o gosto pela leitura e também ajudar na redução do insucesso dos leitores. É ele quem “deve propiciar contextos os quais o leitor deve recorrer, simultaneamente, a fim de compreendê-lo em diversos níveis de conhecimento, tanto gráficos, como linguísticos, pragmáticos, sociais e culturais” (KLEIMAN, 1993, p. 35).

Além do mais, o desenvolvimento do hábito de leitura ocorre nas séries iniciais e, caso não seja realizado um trabalho consistente de incentivo, aumenta-se, gradativamente, a dificuldade em entender textos com estrutura e vocabulário mais complexos e elaborados. Bamberger (1991, p. 66) corrobora com essa ideia ao afirmar que: “se a criança por volta do 5º ano de escola não for um leitor entusiasta e não tiver criado interesses especiais de leitura, são poucas as esperanças de que a situação venha a se modificar mais tarde”.

Durante o processo de investigação, lançamos mão das entrevistas semiestruturadas, com a utilização de um roteiro previamente elaborado, baseado nos processos interativos de leitura. É sabido que autores como Goodman (1970), Smith (1973, 1978) e Silva (2003), numa perspectiva da psicolinguística, abrem espaço para estudos dos processos interativos envolvidos na leitura, portanto, compreender melhor os processos subjacentes à leitura e à formação do leitor crítico, capaz de realizar inferências diante do que lê, percebendo a “intencionalidade” do que o texto aborda, tem sido um objetivo comum entre os pesquisadores da temática em questão.

Dessa forma, torna-se claro a diversificação dos tipos escritos, quando se aprende a ler e a escrever, os quais são utilizados como meios de aprendizagens e fazem com que os alunos alcancem os objetivos propostos pelo professor. É fundamental que todos os educadores estejam atentos à ideia de que conhecer a natureza do processo de leitura, assim como o processo pelo qual os sentidos de um texto são construídos são indispensáveis para uma aprendizagem efetiva dos seus educandos.

Assumindo-se a importância do processo inferencial, é importante observar que

outros fatores influenciam a formação de inferências. A Psicolinguística descreve alguns fatores, como o tipo de texto, o objetivo de leitura e os conhecimentos prévios. Em relação aos objetivos de leitura, Solé (1998) afirma que eles determinam como o leitor se situa perante um texto para que haja uma melhor compreensão. Segundo a autora, parece “haver um acordo geral de que os bons leitores leem textos diferentes de diferentes maneiras, sendo esse fato um indicador da competência leitora, ou seja, da capacidade de se utilizar distintas estratégias em distintas leituras” (SOLÉ, 1998, p. 93-101).

Ao utilizarmos estratégias de leitura na Etnopesquisa, aprendemos a fazer as articulações teóricas e metodológicas, para então nos autorizar a fazer ciência de forma contrária à tradição positivista, entendendo que o dado não é apenas um dado, mas sim uma construção social que, durante o processo da pesquisa, constituiu-se, gradativamente, a partir do interesse dos sujeitos colaboradores e do pesquisador, buscando estabelecer um ambiente de negociações e acordos para o desenvolvimento do trabalho.

Macedo (2000) apresenta um esforço didático para ressaltar o caminho normalmente trilhado por esse tipo de análise: análise interpretativa dos conteúdos emergentes e interpretações conclusivas. De acordo com Sacramento (2000), na Etnopesquisa Crítica/ Formação, a realidade é um todo integrado e não uma coleção de partes dissociadas e fragmentadas. Por isso, ela é fractal, pois, dialeticamente, propicia a compreensão dos paradoxos e das ambivalências, possibilitando-nos ver “de dentro” e não como mero observador distanciado do objeto.

Assim, no itinerário da pesquisa, primeiramente, traçamos um roteiro/mapeamento do local e das atividades que seriam executadas no lócus. Elaboramos um cronograma, pois, através dele, nos guiamos para irmos à campo. Neste momento, também foram elaboradas as questões que seriam perguntadas aos sujeitos colaboradores. Falamos sobre os objetivos da pesquisa e apresentamos o Termo de Livre Consentimento Esclarecido (TLCE), conforme orientação e exigência do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP).

Em seguida, fizemos as entrevistas acerca de como eles faziam as propagandas dos produtos que comercializavam. Para nossa surpresa, um dos entrevistados confirmou que o próprio nome *Beco do Paraguai* foi denominado e conhecido, popularmente, pelos moradores e visitantes na zona comercial, situada no centro da cidade de Jacobina, na Bahia, por ser um lugar em que se comercializam mercadorias por valores populares. Constitui-se numa grande metáfora da divulgação das mercadorias ali encontradas, que são, geralmente, de valores menores que as comercializadas no mercado formal, isto por que não são submetidas aos encargos tributários, logo, os valores, conseqüentemente, são de baixo poder aquisitivo.

Os tópicos usados no questionário aplicado propunham questões sobre: “Como eram realizadas as propagandas; métodos utilizados para divulgar as mercadorias; arrumação das barracas; compreensão acerca do que é propaganda”. Enfim,

compreender como as propagandas aconteciam naquele comércio informal que, segundo Costa (1987, p. 28), “essa forma de comércio atua, como tradutora entre repertórios e universos ideológicos distintos; ela traz, a partir da própria mercadoria veiculada, a informação ideológica do consumo dominante, inacessível a determinada fração da sociedade”.

Na coleta de dados, atuamos como observadores participantes, fazendo as entrevistas, aplicando os questionários, usando recursos técnicos, como gravação de áudio, anotações no diário de bordo e uso de fotografias, para perceber e analisar como a arrumação e a disposição das barracas contribuíam para/na realização das propagandas, bem como os recursos do celular com internet móvel para avisar aos clientes acerca das mercadorias.

Portanto, delineamos a pesquisa seguindo um enfoque descritivo/analítico, sem perder de vista a estratégia de leitura – inferência – na tentativa de construirmos um paralelo entre o que sabiam, liam e construíam sentidos, mediante os instrumentos de coleta de dados aplicados. Dialogamos com os camelôs, de acordo com a visão de Kleiman (1993), quando essa autora nos alerta que a escola não está vencendo o desafio de alfabetizar, funcionalmente, a parcela da população que consegue chegar a ela, visto que ostentam vários anos de escolarização e esta não está dando uma contribuição à solução do problema.

3 | A IMPORTÂNCIA DA INFERÊNCIA PARA COMPREENSÃO DE SENTIDOS

A inferência é o resultado de um processo cognitivo por meio do qual uma assertiva é feita a respeito de algo desconhecido, tendo como base uma observação. No dia a dia, é possível, por exemplo, inferir a riqueza de uma pessoa pela observação do seu modo de vida, a gravidade de um acidente de trânsito pelo estado dos veículos envolvidos e o sabor de um alimento pelo seu aroma.

Segundo Cursino-Guimarães e Dell’Isola (2014), inferência é o resultado de um processo cognitivo por meio do qual uma assertiva é feita a respeito de algo desconhecido, tendo como base uma observação. Para tanto, revela-se como uma conclusão de um raciocínio, uma expectativa, fundamentada em um indício, uma circunstância ou uma pista. Assim, fundamentando-se em uma observação ou em uma proposição, são estabelecidas algumas relações – evidentes ou prováveis – chegando-se a uma conclusão decorrente do que se captou ou julgou.

Ainda, segundo Cursino-Guimaraes e Dell’Isola (2014), a concepção de que a inferência representa uma ligação entre duas ideias é assumida desde a Antiguidade. Esse termo vem do latim medieval *inferre* e designa o fato de duas proposições se interligarem, sendo que, nessa conexão, a antecedente implica a conseqüente. Inferir é uma atividade associativa que pressupõe uma ordem, uma seqüência entre as proposições.

Na leitura de um texto, o resultado da compreensão depende da qualidade

das inferências geradas. Os textos possuem informações explícitas e implícitas; e existem sempre lacunas a serem preenchidas. O leitor infere ao associar as informações explícitas aos seus conhecimentos prévios e, a partir daí, gera sentido para o que está, de algum modo, informado pelo texto ou através dele. A informação fornecida direta ou indiretamente é uma pista que ativa uma operação de construção de sentido. Portanto, ao contrário do que muitos acreditam, a inferência não está no texto, mas na leitura, e vai sendo construída à medida que leitores vão interagindo com a escrita (CURSINO-GUIMARAES & DELL'ISOLA, 2014)

Dessa forma, as ideias, impressões e conhecimentos arquivados na memória dos indivíduos têm relação direta com a capacidade de inferir: quanto maior a quantidade de informações arquivadas, mais apta a pessoa está para compreender um texto. Assim, os conhecimentos adquiridos, as experiências vividas, tudo o que está registrado em sua mente contribui para o preenchimento das lacunas textuais.

Conseqüentemente, considerando o que afirma Dell'Isola (2001), nem sempre a inferência gerada conduz a uma compreensão adequada, uma vez que são muitos os elementos envolvidos nessa complexa rede e variadas são as possibilidades cognitivas de se lidar com as informações, sendo importante, desde a alfabetização, a mediação do professor. Promover a antecipação ou predição de informações, acionar conhecimentos prévios e verificar hipóteses são algumas das estratégias que podem ser trabalhadas como os alunos para que eles tenham boa compreensão leitora.

Enfim, o ato de inferir é ir além daquilo que o texto apresenta. É interpretar de forma lógica e objetiva, buscando informações que complementam a leitura. Para se compreender um texto, é preciso fazer inferências, ou seja, é preciso que o leitor complete o texto com informações que não estão explícitas no texto. Inferências vão além de quando o leitor estabelece ligações entre as palavras e interpreta o texto. Ocorrem, também, quando o leitor busca, fora do texto, informações e conhecimentos adquiridos pela sua experiência de vida, com os quais preenche os “vazios” textuais. Diante disto, o próximo passo será o de apresentar os resultados e discussão sobre os dados e informações geradas no âmbito da pesquisa.

4 | ANALISANDO OS DADOS E CONSTRUINDO SENTIDOS

Ao andarmos pelo centro de Jacobina, percebemos a diversidade que se apresenta na atividade do camelô. São vendidas mercadorias de todos os tipos, desde o artesanato aos eletrônicos, havendo, também, produtos que suprem as necessidades momentâneas, como por exemplo, a presença de vendedores de guarda-chuvas em dias chuvosos etc. Há, também, uma grande diversidade de trabalhadores do comércio informal; pessoas jovens, idosas; homens, mulheres; brancos, negros; desempregados, aposentados, autônomos, entre tantas outras diferenças que podem surgir.

A propósito dos instrumentos de pesquisa supracitados, pautamos a

investigação, tendo como foco a(s) propaganda(s), a fim de relacionarmos as contribuições da Psicolinguística aos estudos cognitivos/interativos envolvidos na aprendizagem da leitura inferencial, a saber, sendo a geração de inferências um processo fundamental para a leitura. Quem não faz inferências não lê. Para se compreender um texto, é preciso fazer inferências, ou seja, é preciso que o leitor complete o texto com informações que não estão explícitas nele.

E, com base nas entrevistas, foram articulados aos diferentes aportes teóricos e a prática vivenciada pelos camelôs. Para efeito de análise e discussão, denominamos de camelô 1, 2 e 3 os sujeitos colaboradores/as desta pesquisa. Eles são vendedores/as que ocupam aquele espaço há mais de quinze anos, possuem o ensino fundamental completo. Optamos nas transcrições garantir as falas dos camelôs, não as ajustando à norma escrita culta da língua padrão.

Dos seis entrevistados, foi unânime a resposta que “[...] *a propaganda era/é importante para o comércio informal*”. [...] “*O período de vendas geralmente que dão mais lucros são durante épocas festivas*”. Pelos perfis, podemos perceber que eles entendem, razoavelmente, de economia; realizam cálculos mentais e acreditam que vendem mais quando fazem divulgação dos seus produtos através de mensagens via aparelho celular móvel.

[...] “*Hoje achamos aqui várias mercadorias que não achava antes*”. Depreendemos que, mesmo à margem da legalidade e da formalidade, o comércio de camelôs tem contribuído com a disseminação de uma série de produtos que, com maior ou menor importância, vem favorecendo um nível significativo de consumo, assim como o acesso de um número de pessoas a produtos que antes não eram acessíveis.

Segundo Madrugá (2006), as inferências são o núcleo do processo de compreensão e de comunicação humana, servindo para unir a informação nova a um todo relacionado. Ou seja, por meio delas, o indivíduo consegue interligar o *input* recebido nas inúmeras situações de sua vida com a informação trazida pelo texto, gerando um novo conhecimento e, este, por sua vez, irá interferir novamente na aquisição de novas experiências, como em uma cadeia. Entendendo esse processo, é possível perceber por que leitores mais experientes conseguem fazer reflexões mais profundas em suas leituras, enquanto os menos experientes, muitas vezes, não conseguem compreender um texto em sua totalidade, pois a compreensão está intimamente relacionada com o acúmulo de experiências (na memória), que refletirão, diretamente, na capacidade de fazer inferências.

Por isso, para Madrugá (2006), o conceito de inferência é visto como um processo de recuperação da informação na memória de longo prazo e como um processo de geração de novos conhecimentos, os quais irão, posteriormente, para a memória de longo prazo. Na fala do camelô 1, quando perguntado acerca dos instrumentos usados para fazerem as propagandas, este disse: “[...] *não fazemos propagandas*” ... Não obstante, observamos, com perplexidade, que tal afirmação não correspondia àquela respondida por esta camelô, pois, em um dado momento, quando chegou um cliente,

ela disse: “[...] *vai chegar outros dvds, é de boa qualidade...eu tenho seu telefone, eu ligo pra você*”. Então, a propaganda existe realmente, mas é realizada de maneira informal, imperceptível na interpretação da camelô.

Constatamos que, na visão da camelô, as propagandas são aquelas realizadas por rádios, tevê, carro de som, dentre outros meios de comunicação. Entretanto, o camelô 2 afirmou ser “[...] *o boca-a-boca o maior veículo de divulgação dos seus produtos no beco do Paraguai*”. Segundo Madrugá (2006), as inferências são o núcleo do processo de compreensão e de comunicação humana, servindo para unir a informação nova a um todo relacionado. Nessa perspectiva, para a compreensão é preciso mais do que o texto em si.

Outra discussão interessante de Madrugá (2006) diz respeito às teorias sobre a realização de inferências que, nas últimas décadas, geraram algum tipo de polêmica: a teoria minimalista e a teoria construtivista. Essas duas visões divergem acerca do momento em que se geram os diversos tipos de inferências. Segundo o autor, a primeira teoria centra-se na distinção entre inferências automáticas e estratégicas, estas últimas controladas pelos objetivos do leitor. As inferências automáticas estão disponíveis na coerência local (através das conexões do texto). A segunda teoria defende que, além das inferências apreendidas pelas conexões do texto, geram-se inferências globais a partir do modelo mental cujos leitores constroem quando compreendem um texto.

Nessa perspectiva, para a compreensão, é preciso mais do que o texto em si. De acordo com os aspectos discutidos até aqui, verifica-se que a inferência é importantíssima no processo de leitura e, como mencionado anteriormente, as interpretações de mundo possíveis estão diretamente ligadas ao que o leitor infere durante a leitura. No entanto, faz-se necessário evidenciar que a estratégia inferencial não ocorre sozinha, estando diretamente envolvida com a predição e com a quantidade de esquemas mentais disponíveis no leitor, sendo impossível separar essas noções.

Dessa forma, verifica-se que a inferência é importantíssima no processo de leitura e, como mencionado anteriormente, as interpretações de mundo possíveis estão diretamente ligadas ao que o leitor infere durante a leitura. Na visão do camelô 3, fazer propaganda é muito dispendioso e, por conta disso, deixa-nos um alerta sobre a crise pela qual o país está passando: “[...] *Não fazemos propagandas em rádio e tv por que é muito caro e dinheiro está muito difícil*”, e logo em seguida, diz: “[...] *ei leve três e pague um ... compramos com base no dólar, o real está difícil*”, demonstrando sua estratégia de venda e como dribla a falta de recurso para investimento em outros canais de comunicação.

Neste processo de venda, que atrai clientes de todas as camadas sociais, é possível perceber que leitores mais “experientes” conseguem fazer reflexões mais profundas em suas leituras, enquanto os “menos experientes”, muitas vezes, não conseguem compreender um texto em sua totalidade. Assim, vende mais quem aposta no poder de persuasão e tem uma visão de leitura mais ampliada do processo no qual está inserido, a fim de convencer os consumidores a comprarem suas mercadorias.

Dessa forma, o processo argumentativo requer habilidade verbal muito concisa, além da capacidade de lidar com as lógicas verbais, e a visão ampla do processo requer um conhecimento prévio de mundo. Vale lembrar também que é possível argumentar, falaciosamente, alcançando os objetivos estipulados. Na verdade, o que é argumentar? Argumentar está relacionado com as ideias, crenças, posturas diante da vida social. A linguagem verbal e escrita procura convencer o leitor através dos processos argumentativos. É sempre possível que o leitor, ao analisar os textos, aceite ou não os argumentos desenvolvidos pelo autor. A aceitação ou não leva o leitor a construir um sentido que passa a fazer parte de seu universo cultural. E para uma leitura mais alargada, exige-se um leitor mais atuante.

Assim, o sujeito leitor, nesse contexto, deixa de ser passivo, pois reconstrói a significação do texto a partir do reconhecimento de outros textos. Assim, podemos afirmar que ler não é uma atividade meramente subjetiva, pelo contrário, é uma situação dialógica entre textos, discursos e sujeitos, como confirma Lajolo (1988, p. 59),

ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos, para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Segundo Campos (2009), as inferências decorrem desses processos inferenciais que constroem o sentido das proposições e suas relações que provêm de implicaturas, podendo ser convencionais, quando presas ao significado convencional das palavras e conversacionais, quando não dependem da significação usual, sendo determinadas por certos princípios básicos do ato comunicativo.

Nesse sentido, percebemos a relevância das experiências significativas na construção das inferências como fator que facilita a compreensão. Através dessa prática reflexiva, verificamos que as variáveis *idade* e *escolaridade* implicam diretamente a quantidade e a profundidade das inferências trazidas ao texto no momento da compreensão, podendo ser analisadas com maior facilidade no momento de fazer inferências durante a compreensão leitora.

5 | (IN)CONCLUSÕES FINAIS

Constatamos, mediante esta pesquisa, que os camelôs do Beco do Paraguai fazem parte de uma rede, uma cadeia produtiva, que vai além das fronteiras regionais, e que estes trabalhadores representam a conexão final entre alguns tipos de mercadorias e os consumidores. Após as mercadorias percorrerem um longo caminho e passarem por várias mãos, chegam às barracas, onde serão adquiridas por muitos consumidores. Apesar de, atualmente, muitas lojas venderem o mesmo tipo de mercadorias, são nas calçadas que elas ganham destaque, interrompendo os passos do consumidor, que por ali circula. E chegam às mãos de muitos deles, principalmente aqueles que não

teriam acesso a tais mercadorias nas lojas, por serem consumidores de baixa renda. A recente “guerra” dos camelôs e a luta que travam contra o poder público para garantir a subsistência são exemplos da cruel situação política e econômica do país. O que vemos é a fratura exposta de um Estado, que não consegue resolver os problemas sociais. Os camelôs ainda sobrevivem como vendedores ambulantes, correndo pelas esquinas, trazendo pequenos embrulhos de enghocas contrabandeadas ou mesmo de produtos nacionais que revendem para sobreviver com pequenos lucros.

É necessário que camelôs sejam orientados a procurar sindicatos e centrais para receber instruções, a fim de fundar o seu próprio sindicato. Assim se criariam lideranças capazes de um diálogo permanente com as autoridades públicas dos três poderes. Seria uma poderosa ferramenta para ajudar nas providências e dificuldades que, cotidianamente, surgem na vida comunitária. Realmente, o Código de Posturas restringe a presença de ambulantes nas ruas. Mas há um princípio muito maior do que as leis, que está cravado com toda evidência no art. 1º, II, e III, da Constituição brasileira: a cidadania e a dignidade da pessoa humana.

O estudo mostrou que é necessária a busca constante de aprofundamentos acerca da leitura, para que se possa, efetivamente, “construir” leitores conscientes de seu papel na sociedade e da leitura como um meio de inclusão cidadã e de emancipação dos indivíduos. Pois, só quando a leitura faz sentido para o indivíduo é que se apreende os significados dos signos impressos em uma folha de papel, revista, livro ou nas telas de um computador. É, portanto, o sentido atribuído pelo leitor ao texto que irá constituir a significação para a vida deste. O certo é que o processo inferencial ocorre com grande dinamismo e conduz o leitor a organizar, constantemente, as informações para processar e compreender o que lê. Esse processo pode ser ensinado por meio de estratégias que conduzem à explicitação dos implícitos, ao preenchimento de lacunas com informações que emergem com base em pistas textuais associadas ao conhecimento de mundo que tais pistas requisitam e, além disso, à exclusão ou confirmação de hipóteses cuja pertinência depende de comprovação. A informação inferida não está no texto, mas só pode ser acessada por meio dele.

Outrossim, a quantidade de participantes desta pesquisa não possui um peso relativo capaz de generalizar seus resultados; no entanto, este trabalho objetivou apenas uma pequena amostragem do quanto os conhecimentos inferenciais que se adquirem no decorrer da comercialização dos produtos podem interferir na compreensão leitora e no processo de vida dos camelôs.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, Unesco, 1991.

BARBOSA, R. K.; MIOTO, B. O Desenvolvimento Local em Perspectiva: Explorando alguns ângulos do debate. **Anais...** VI Semana de Ensino e Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2007.

- COSTA, Elizabeth Goldfarb. **Anel, cordão, perfume barato**: uma leitura do espaço do comércio ambulante na cidade de São Paulo: Nova Stella/ EDUSP, 1989.
- CAMPOS, Jorge (Org.). **Inferências linguísticas nas interfaces** - CD-ROM [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- CURSINO-GUIMARAES, S.; DELL'ISOLA, R. **Repensando a inferência**. Belo Horizonte: PUC – MG, 2014.
- DELL'ISOLA, R. Lúcia Péret. **Leitura**: Inferência e contexto sociocultural. Belo Horizonte: Saraiva, 2001.
- GOMES, Edson. **Camelô**. Disponível em: www.vagalume.com.br/edson-gomes/camelo.html. Acesso em: 28 jun. 2018.
- GOODMAN, K. S. Unidade na leitura – um modelo psicolinguístico transacional. **Letras de Hoje**, n. 86, p. 9-43. Porto Alegre: EDIPUCRS, dez. 1991.
- KATO, Mary. **Aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas: Pontes, 1993.
- _____. **Leitura**: ensino e pesquisa. Campinas: Pontes, 2008.
- LAJOLO. Marisa. **Literatura**: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 1988.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: UFBA, 2000.
- MADRUGA, Roberto. **Guia de implementação de marketing de relacionamento e CRM**. São Paulo: Atlas, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- PEREIRA, Vera Wannmacher. Predição Leitora e Inferência. In: CAMPOS, Jorge. **Inferências linguísticas nas interfaces**. Porto Alegre, EDIPUCRS. p. 10-22, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/inferencias.pdf>. Acesso em: 20 out. 2010.
- SACRAMENTO, Maria da Conceição Alves Ferreira do. A teoria dos fractais e etnopesquisa/formação de professores: uma articulação possível? **Revista da FAEBA**, Salvador, ano 9, n. 14, p. 99-104, jul./dez. 2000.
- SANDMAN, Antônio. **A linguagem da propaganda**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SILVA, Ana Lúcia Gomes da. **Um diálogo sobre o ensino e o aprendizado da leitura**. Jacobina: FACED/UFBA. Programa de Pós-Graduação. Linha de Filosofia da Linguagem, Práxis Pedagógica. Outubro, 2003.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-280-7

